

Adaptação de bebês à creche aos 4-5 meses de idade: as 10 primeiras semanas

Andrea Rapoport

Wainer Psicologia Cognitiva, RS, Brasil

Tatiele Jacques Bossi

Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi examinar o período de adaptação à creche de bebês de 4-5 meses durante as 10 primeiras semanas. Em particular buscou-se investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês durante esse período. Participaram 3 bebês que ingressaram na creche aos 4-5 meses, suas mães e educadoras. Trata-se de um estudo de caso múltiplo, no qual foram realizadas entrevistas com as mães, observações dos bebês na creche e as educadoras preenchem um protocolo de ocorrências com cada bebê. A análise qualitativa dos dados apontou que os bebês fizeram uso de diferentes estratégias de enfrentamento durante a adaptação à creche, o que sugere que esse período foi vivenciado com estresse. E o tempo de permanência na creche ao longo do período investigado não diminuiu necessariamente o uso dessas estratégias. Os resultados sugerem que a adaptação à creche em bebês de 4-5 meses não é um processo linear, já que ocorreram avanços e retrocessos no período investigado.

Palavras-chave: Adaptação à creche; Educação infantil; Estratégias de enfrentamento.

Adaptation of infants to day care at 4-5 months of age: the first ten weeks

Abstract

The aim of this study was to examine the period of adaptation to day care for infants aged 4-5 months during the first 10 weeks. In particular, we sought to investigate the coping strategies used by the infants during this period. Participants were 3 babies who entered the nursery at 4-5 months, their mothers and educators. This is a multiple case study, in which interviews with the mothers, observations in the day-care center and the application of a protocol filled out by the educators were carried out. The qualitative analysis of the data indicated that the infants used different coping strategies during daycare adaptation, which suggests that they experienced this period in a stressful way. And the time they spend in day care during the period investigated did not necessarily reduce the use of these strategies. The results suggests that the adaptation to day care in infants of 4-5 months is not a linear process, since there have been advances and setbacks in the period investigated.

Keywords: Adaptation to day care; Child education; Coping strategies.

La adaptación de los bebés a la guardería a los 4-5 meses: las primeras diez semanas

Resumen

El objetivo de este estudio fue examinar el período de adaptación a la guardería de bebés de 4-5 meses durante las 10 primeras semanas. En particular, tratamos de investigar las estrategias de afrontamiento utilizadas por los niños durante este período. Participaron tres bebés de 4-5 meses, sus madres y educadores. Es un estudio de caso múltiple en el que se llevaron a cabo entrevistas con las madres, las observaciones en el vivero y las educadoras llenaban un protocolo de ocurrencias con cada bebé. El análisis cualitativo de los datos mostró que los bebés habían utilizado diferentes estrategias de supervivencia para la adaptación a la guardería, lo que sugiere que ese período fue vivenciado con estrés. Y el tiempo en la guardería a lo largo del período investigado no redujo necesariamente el uso de estas estrategias. Los resultados sugieren que la adaptación a la guardería en 4-5 meses de los bebés no es un proceso lineal, ya que ha habido avances y retrocesos en el período investigado.

Palabras clave: Adaptación a la guardería; Educación infantil; Estrategias de afrontamiento.

A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida, ainda é um tema que tem gerado controvérsias no meio científico e leigo, pois implica em separações diárias do bebê de sua mãe, enquanto ele ainda é muito pequeno e precisa de relações estáveis e de um cuidador previsível (Winnicott, 1965/1999). Embora muitas pesquisas examinem as consequências para as crianças de seu ingresso na educação infantil, um número mais reduzido tem investigado o período de adaptação dos bebês à creche (Albers, Beijers, Riksen-Walraven, Sweep, & Weerth, 2016; Bossi, Soares, Lopes, & Piccinini, 2014; Schipper, IJzendoorn, & Tavecchio, 2004). Deste modo, estudos nesta área são fundamentais, uma vez que, em diferentes países, as mulheres precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento dos filhos, o que pode implicar em maiores dificuldades de adaptação para o bebê.

Não há consenso na literatura quanto à duração do período de adaptação, podendo variar de uma semana a vários meses. Para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) a adaptação dura aproximadamente um mês após o ingresso do bebê na creche, mas pode estender-se por mais tempo dependendo das particularidades e necessidades de cada bebê. Já para outros autores, destacados por Rapoport e Piccinini (2001), a adaptação se configuraria como um período que se estende por mais tempo, entre 3 a 6 meses após a entrada na creche. Ainda, a adaptação não se daria de forma linear, mas sim com avanços e retrocessos do bebê em seu desenvolvimento.

Independentemente da duração do período de adaptação, é consenso que várias situações, por si só, podem ser estressantes para os bebês. A teoria do apego de Bowlby (1989) destaca que a presença da mãe ou cuidador substituto é fundamental para o bebê, especialmente no primeiro ano de vida, quando o apego está em formação. Dessa forma, o ingresso na creche se constitui em um evento que afasta a criança deste tipo de cuidado mais estável e previsível (Winnicott, 1965/1993) e de um atendimento mais individualizado o que pode ter impacto para o desenvolvimento emocional do bebê. Estas considerações teóricas embasam o presente estudo que aborda a temática da adaptação à creche e a forma como os bebês lidam com esta situação potencialmente estressante.

No processo de adaptação do bebê à creche dois momentos configuram-se como potencialmente estressantes para os bebês: a chegada à creche, quando o bebê é deixado por sua mãe ou outro cuidador e tem de separar-se da figura afetiva; e, o reencontro após longas horas de separação e que exige do bebê uma reorganização psicológica, a fim de reconstruir o vínculo com a mãe que havia sido transferido

para as educadoras, colegas e atividades na creche (Melchiori & Alves, 2000; Varin, Crugnola, Molina, & Ripamonti, 1996). Além destes momentos, outra situação que merece ser destacada é a alimentação. De modo repentino, o bebê tem que se adaptar tanto ao cheiro, cor, sabor e textura do alimento, como ao modo como é alimentado (Amaral, Morelli, Pantoni, & Rossetti-Ferreira, 1996). Soma-se a isso o fato de alguns bebês, durante o período de adaptação, também iniciarem o processo de desmame, o que acaba exigindo atenção particular da educadora durante a alimentação (Averbuch, 1999; Seabra & Moura, 2005).

Frente a estas situações potencialmente estressantes, os bebês tendem a utilizar estratégias de enfrentamento (*coping*) que os ajudam a lidar com o eventual estresse decorrente das mesmas. Dessa forma, os bebês manifestam diferentes reações durante o período de adaptação e estas, muitas vezes, são utilizadas para classificá-los como bem ou mal adaptados. Por exemplo, o choro é comum nesse período, tanto na chegada quanto na saída da creche. Além disso, gritos, mal humor, apatia, passividade, resistência a alimentação ou ao sono e adoecimento são também ocorrências comuns (Bossi et al., 2014; Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). Tais aspectos tendem a impactar o modo como as mães e as educadoras percebem a adaptação, assim como os sentimentos maternos tendem a influenciar os comportamentos do bebê neste período (Bossi et al., 2014; Rossetti-Ferreira, Amorim, & Vitória 1996).

Estudos internacionais que tem investigado a adaptação de bebês e crianças na educação infantil ou a outros contextos de cuidado coletivo (ex. home-based care), tem destacado esse momento como significativamente estressante para as crianças (Albers et al., 2016; Ahnert, Gunnar, Lamb, & Barthel, 2004; Bernard, Peloso, Laurenceau, Zhang, & Dozier, 2015; Groeneveld, Vermeer, IJzendoorn, & Linting, 2010). Alguns destes estudos, como o de Albers et al. (2016), avaliaram os níveis de cortisol infantil, hormônio relacionado a uma resposta fisiológica ao estresse, e encontraram resultados que corroboram a hipótese inicial sobre o estresse no período de adaptação à creche ao longo do primeiro ano de vida. Participaram do estudo 64 bebês holandeses que ingressaram na creche aos 3 meses de idade, que foram acompanhados durante nove meses após o ingresso na creche. Os resultados revelaram que os níveis de cortisol infantil eram mais altos na creche quando comparados com os medidos em casa, o que demonstra que a creche configurava-se como um ambiente estressante para os bebês durante o primeiro ano de vida.

Cabe ressaltar que estudos sobre estresse e estratégias de enfrentamento infantis têm investigado,

particularmente, crianças a partir do segundo ano de vida e em idade pré-escolar ou escolar (McElwain, Holland, Engle, Wong, & Emery, 2015; Michels et al., 2015; Thorne, Andrews, & Nordstokke, 2013; Yeo, Frydenberg, Northam, & Deans, 2014). Poucas pesquisas ressaltam o primeiro ano de vida dos bebês. Exceção a isso são os estudos de Karraker e colegas (Karraker & Lake, 1991; Karraker, Lake & Parry, 1994) nos quais os autores propuseram um sistema de classificação das estratégias de enfrentamento de bebês de 3 a 18 meses. Conforme essa classificação, as estratégias dos bebês podem ser *corporais* (quando representam respostas físicas e corporais, como adoecimento, perturbações do sono e alimentação, cansaço) ou psicológicas. As estratégias psicológicas podem ser *auxiliadas* (sinais para solicitar ajuda de um adulto como o choro, esticar os bracinhos); *independentes focalizadas no problema* (para tentar resolver a situação que causa o estresse, como engatinhar até a porta em que a mãe acabou de sair, agarrar-se à mãe); e, *independentes focalizadas na emoção* (para o bebê tranquilizar-se, como autoconforto e distração). No entanto, os autores não investigaram essas estratégias de enfrentamento no contexto de adaptação à creche, mas sim em diferentes situações cotidianas estressantes para os bebês, presentes no primeiro e segundo anos de vida, como momentos de fome, ser deixado sozinho, mudanças no ambiente físico, dentre outros.

Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo examinar o período de adaptação à creche de bebês de 4-5 meses de idade durante as dez primeiras semanas. Em particular buscou-se investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês durante este período. Inicialmente examinou-se o período de ambientação do bebê durante as duas primeiras semanas na creche. Em um segundo momento, examinaram-se, durante oito semanas, três contextos interativos potencialmente estressantes para o bebê: a chegada, a alimentação e a saída da creche. Investigaram-se também as percepções das mães e das educadoras sobre a adaptação e como elas lidavam com o bebê neste período.

Método

Participantes

Participaram deste estudo três bebês que ingressaram na creche aos 4-5 meses de idade, suas mães e educadoras. Os bebês foram recrutados no Berçário de uma creche pública federal de Porto Alegre. As famílias participantes eram de nível socioeconômico médio-baixo. As mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aceitando participar do estudo.

A creche pesquisada atendia, na época da coleta de dados, aproximadamente 130 crianças de 4 meses até 6 anos e 11 meses, a maioria em turno integral. O berçário 1, do qual participavam os bebês incluídos no presente estudo, atendia 11 bebês de 4 a 10 meses com os quais trabalhavam 3 educadoras. O ingresso aos 4-5 meses ocorria após a licença maternidade que era de quatro meses. O processo de adaptação era gradual, aumentando-se o horário de permanência conforme as condições da criança. Era solicitado que um familiar permanecesse na recepção da creche e, quando necessário, este era chamado para ficar com a criança na sala.

Delineamento e procedimentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de casos múltiplos (Stake, 2006) para investigar o período de adaptação dos bebês de 4-5 meses de idade à creche durante as 10 primeiras semanas. Após o consentimento das mães em participar do estudo, foi realizada a *Entrevista sobre dados sociodemográficos e de desenvolvimento da criança* para investigar informações sobre as condições sociodemográficas da família, desenvolvimento do bebê e impressões da mãe sobre a entrada do bebê na creche. Além disso, durante as duas semanas iniciais dos bebês na creche foram realizadas observações descritivas deles e daqueles com quem interagem. Cada bebê foi observado oito vezes, em dias e horários variados, comumente quatro vezes por semana, uma hora cada vez. Ao final desse período, as mães responderam a *Entrevista de acompanhamento após a entrada na creche* que investigou as suas impressões sobre o bebê na creche e em casa após 15 dias do início da adaptação. Esta entrevista foi repetida quando o bebê completou o segundo mês na creche.

A partir da 3ª semana do bebê na creche iniciaram-se as observações com o objetivo de avaliar as estratégias utilizadas pelos bebês para enfrentarem três contextos interativos potencialmente estressantes baseados em Karraker et al. (1994): chegada na creche, alimentação e hora da saída. Foram registrados também os comportamentos das educadoras, das mães e de outras pessoas eventualmente envolvidas nas situações. As observações seguiram um cronograma predeterminado, com um total de seis sessões para cada um dos três contextos interativos (3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 8ª e 10ª semanas) e duração de 15 minutos. O registro das observações das situações de chegada e de saída foi feito de forma descritiva durante a ocorrência do evento utilizando um *Protocolo de registro das observações* e o momento da alimentação foi filmado.

Além disso, a educadora principal foi solicitada a preencher, semanalmente, o *Protocolo de ocorrências na creche*. Saliaram-se ocorrências sobre saúde, alimentação, necessidades fisiológicas, sono, choro, reação na chegada e na saída e reações extremas do bebê que ocorreram na creche.

Análise dos dados

As entrevistas com as mães e o protocolo de ocorrências na creche preenchido pelas educadoras foram analisados a partir de análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), com base na leitura exaustiva do material.

Já as observações do período de ambientação, chegada e saída foram analisadas qualitativamente, após leituras repetidas do material escrito e posterior análise descritiva. O período da chegada foi definido como sendo, desde o momento que a mãe/pai aparecia com o bebê na porta da sala até 10-15 minutos após a sua partida. A saída foi caracterizada desde que a mãe/pai aparecia na porta para buscar o bebê até o momento que eles iam embora. Para fins de análise das observações da alimentação foi desenvolvido um *Protocolo de análise das estratégias de enfrentamento do bebê*. O período de alimentação foi definido como sendo o momento desde que a educadora começava a dar comida para o bebê até o momento em que ela terminava, seja porque o bebê comeu tudo ou não quis mais. Utilizando este protocolo foram examinadas, em cada intervalo de observação de 15 segundos, as seguintes categorias: *bebê comeu* (sim/não); *expressão afetiva do bebê* (escala de 7 pontos: 1= afeto negativo intenso na maior parte do intervalo, choro intenso; a 7= afeto positivo intenso na maior parte do intervalo, risadas, vocalizações positivas); e, *estratégias de enfrentamento* dos bebês para lidarem com situações potencialmente estressantes durante o processo de adaptação, analisadas a partir de Karraker et al. (1994), a saber: *corporais, auxiliadas, independentes focalizadas no problema e independentes focalizadas na emoção*. Além disso, também foram examinadas as *estratégias da educadora* (remove o estressor; informa/tranquiliza; distrai o bebê; e não ajuda o bebê) e as *ocorrências no ambiente* (choro de outras crianças; conversa entre educadoras). A análise das observações foi feita por dois codificadores e em caso de dúvidas ou discordâncias foi utilizado um terceiro codificador. Foram analisados seis minutos de cada sessão de observação da alimentação (três minutos iniciais e três minutos finais) divididos em 24 intervalos de 15 segundos. Em cada sessão os dados de cada categoria examinada foram somados para se obter um panorama da sessão e foi feita a média dos valores da expressão afetiva.

Resultados

Os dados obtidos em cada um dos três casos serão examinados com base em cinco tópicos, derivados dos próprios dados: **1. impressões e sentimentos da mãe sobre a entrada do filho na creche** – em particular, os seus sentimentos por colocar o filho na creche e as mudanças percebidas no bebê após a entrada na creche; **2. período de ambientação: as duas primeiras semanas de frequência à creche** – em particular, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelo bebê para lidar com esta situação e as reações/comportamentos da mãe e das educadoras durante este período; **3. chegadas e saídas na creche** (da 3ª a 10ª semana) – em particular, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelo bebê nestas situações, o comportamento da educadora ao receber o bebê na creche e como o bebê reagia após a saída da mãe/pai e no reencontro com o familiar; **4. alimentação na creche** (da 3ª a 10ª semana) – em particular, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelo bebê durante a alimentação, como as educadoras se comportavam durante esse momento e como se apresentava o ambiente da sala durante a alimentação; e, **5. percepção das educadoras sobre a adaptação do bebê à creche** – incluindo ocorrências de adoecimento, reações do bebê e impressões sobre o período de adaptação. Apresenta-se, a seguir, cada um dos casos investigados, ilustrando-os com vinhetas das entrevistas e observações.

CASO DJAVA

1. Impressões e sentimentos da mãe sobre a entrada de Djava na creche

Djava¹ era filho caçula e tinha dois irmãos, uma menina de 5 anos e um menino de 8 anos. Ele ingressou na creche aos 5 meses e sua mãe (35 anos) relatou que escolheu a creche como forma de cuidado, pois seus outros filhos já a frequentaram, assim como pela questão financeira, visto que o local é oferecido pelo emprego. Com relação à entrada de Djava na creche ela ressaltou que estava se sentindo: “*Completamente tranquila. Porque eu conheço as gurias, confio no trabalho profissional [delas]...*”.

Na primeira entrevista de acompanhamento, duas semanas após a entrada de Djava na creche, sua mãe percebeu como um sinal de independência o fato de o filho solicitar menos o colo: “*O colo que ele gostava um pouquinho (...) ele não está aceitando demais em casa*”. Outro comportamento que também segue essa linha foi em relação ao sono. Segundo a mãe, após o

¹ Todos os nomes são fictícios.

ingresso na creche, ele começou a dormir mais nos finais de semana, o que contraria o fato de que na creche ele dormia pouco: “*Mas no final de semana, tipo assim, aqueles soninhos dele estão maiores, da manhã e da tarde*”. Já em relação à saúde, ele adoeceu após o ingresso na creche: “*Agora, ele está com bronquiolite. Desde a semana passada, ele começou a levantar cedo, pega essa coisa toda de clima*”. Paralelo à entrada de Djava na creche, sua mãe começou a estudar à noite e afirmou que: “*Eu acho que ele reagiu tri bem, (...), claro, quando ele me vê, ele está com saudade*”. A mãe de Djava parece não conseguir interpretar os sinais de sofrimento do filho, mostrando-se, de certa forma, satisfeita com as mudanças nele, que passou a exigir menos dela.

Na segunda entrevista de acompanhamento, após 10 semanas de Djava na creche, a mãe mostrou-se preocupada com a saúde dele, que estava com diarreia há 15 dias. Tal reação pode ser considerada uma *estratégia de enfrentamento corporal* de Djava, sendo uma reação do corpo ao estresse da separação da mãe, visto que ele começou a adoecer após o ingresso na creche. Obviamente, não se pode desconsiderar que outros fatores podem ter contribuído para a piora da saúde de Djava, como uma maior exposição a infecções devido ao contato com outras crianças e adultos, mudanças climáticas devido ao inverno, o fato de a mãe estar mais ausente, pois tinha começado a estudar, o uso de transporte escolar para levar o bebê à creche, e também fatores ligados às próprias características da creche, como serão destacados abaixo.

O humor dele também mudou, mas a irritação foi atribuída ao desconforto físico decorrente do adoecimento. Sobre a interação de Djava com a mãe e com o pai, falou: “*Ele está tri apegado com o pai, porque eu estou estudando, então, ele tem mais tempo com o pai*”. Apesar de sentir-se tranquila em relação à creche, a mãe mostrou-se culpada por não ficar mais tempo com o filho: “*Eu me sinto tranquila com a creche (...) mas é eu, parece que eu não dou toda a atenção que deveria dar por falta de tempo*”. Outra mudança que ocorreu na rotina de Djava foi que ele passou a ser buscado na creche pelo transporte escolar e quando chegava em casa a mãe não estava mais.

2. Período de ambientação: as duas primeiras semanas na creche

Djava utilizou, desde o primeiro dia, *estratégias de enfrentamento auxiliadas* (choro e balbucios), para solicitar ajuda e mostrar seu protesto e descontentamento: “*Começa a chorar; grita. A educadora o pega no colo e ele se acalma. Choraminga novamente e a educadora diz: ‘será que tá com sono?’ Ela coloca ele no carrinho,*

dá o bico, ele cospe. Chora. A educadora começa a empurrar o carrinho para frente e para trás e ele se acalma” (2º dia de observação). Djava também se utilizou de *estratégias de enfrentamento independentes focalizadas na emoção*, isto é, quando o bebê tenta tranquilizar a si mesmo sem o auxílio de um adulto, tais como distrair-se com brinquedos e colocá-los na boca: “*Começa a ensaiar um choro, mas logo se acalma e se entretém com um brinquedo (...). Depois, fica olhando fixamente para o móbile (...). Pega o bibeiro e começa a colocar na boca e morder*” (2º dia). Cabe ressaltar que o processo de adaptação de Djava não foi linear, no segundo dia ele mostrou-se bem, dando sinais de adaptação, no entanto a partir do terceiro dia mostrou-se mais choroso.

3. Chegadas e saídas da creche

Analisando-se a chegada de Djava à creche, da 3ª a 10ª semanas, ele geralmente não apresentava resistência em ir com a educadora: “*Djava chega com a mãe, está sério no colo dela e assim ele vai quando a educadora o pega no colo*” (8ª semana de observação). Isso pode ser possível pelo fato de que, a partir da 3ª semana, foi sempre a mesma educadora quem ia recebê-lo, o que pode ter lhe transmitido um sentimento de confiança. Djava despedia-se diferenciadamente conforme qual dos pais o deixava na creche. Costumava olhar para o pai para despedir-se, tendo ou não resposta deste (3ª, 4ª e 5ª semanas). Quando se referia à mãe, Djava nem sempre olhava para ela, mesmo quando esta lhe dava tchau (10ª semana). Analisando-se o comportamento de Djava após a partida da mãe/pai, percebe-se que ele buscava contato com a educadora, através do choro, como *estratégia de enfrentamento auxiliada* para diminuir o estresse: “*A educadora se aproxima para acalmá-lo e ele fica tranquilo enquanto ela está junto a ele fazendo carinho, conversando, quando ela se afasta ele começa a chorar intensamente*” (8ª semana). Além disso, o fato de Djava ter ficado novamente doente durante o período observado pode ter influenciado seu comportamento, deixando-o mais fragilizado.

Analisando-se o comportamento de Djava na saída da creche, este se caracterizou pela busca de contato com a mãe: “*A mãe pegou-o no colo e ele se acalmou de imediato. Ele agarrou-se a ela e pôs a sua boca no rosto dela*” (3ª semana). Entretanto, na 4ª e 8ª semanas Djava utilizou o choro como *estratégia de enfrentamento auxiliada* para obter atenção da mãe: “*Quando ele vê a mãe ele choraminga. Ela pega-o no colo e ele agarra-se a ela. A mãe sai e ele vai tranquilo no seu colo*” (4ª semana). Na 10ª observação Djava passou a ir embora de transporte escolar. Ele mudou a sua forma de reagir na saída, visto que não eram os

pais que o buscavam. Ele não demonstrou, como nas outras observações, busca de contato com o adulto que o recebia, como fazia com a mãe e pai, ficando sério ao ver o Sr. do transporte: *“A recepcionista pega-o no colo e quando estão no corredor ele agita os bracinhos e sorri. (...) Quando chegam na recepção, ela entrega-o para o Sr. do transporte. Djava vai tranquilo, mas sério”* (10ª semana).

4. Alimentação na creche

Djava comeu na maior parte do período observado (81% dos intervalos). O seu tempo total de alimentação manteve-se relativamente estável (10 min.). Ele utilizou em média seis estratégias de enfrentamento por sessão de observação da alimentação, com destaque para a *corporal* (83% dos intervalos) e a *independente focalizada na emoção*, como o autoconforto (82%). Além destas, outra estratégia utilizada foi a *auxiliada* (45%). Ao longo das sessões de observação Djava continuou fazendo uso de diferentes estratégias de enfrentamento, sem que o passar dos meses na creche reduzisse o seu uso.

Também se observou a expressão afetiva de Djava durante a alimentação, que apresentou uma incidência média bastante baixa ao longo das sessões ($M=3,02$), o que indica uma preponderância de afeto negativo durante a alimentação. Nas observações da 4ª e 6ª semanas, a expressão afetiva mais baixa pode estar relacionada à redução na frequência com que Djava comeu. Já na 8ª semana houve uma pequena elevação na média da expressão afetiva e na frequência com que ele comeu.

A incidência de ocorrências no ambiente e comportamentos da educadora durante a alimentação também foram observados. Destaca-se como ocorrências do ambiente o *choro de outras crianças* (80% dos intervalos) e o comportamento da educadora de *informa/tranquiliza o bebê* (75%).

5. Percepção das educadoras sobre a adaptação de Djava à creche

Através do protocolo de ocorrências na creche preenchido semanalmente pelas educadoras foi possível perceber que, durante as 10 semanas de frequência à creche, Djava apresentou problemas de saúde. Na 4ª e 5ª semanas as educadoras relataram que ele tinha muita dificuldade para evacuar e, desde então, ele começou com diarreia. Ele comia e dormia bem na creche até a 10ª semana, quando começou a comer menos e ter dificuldade para dormir. Estas reações coincidiram com o fato dele começar a ir embora da creche de transporte escolar. Djava costumava chorar na creche quando estava com sono, dor ou queria

colo. Relacionava-se bem com as educadoras, sendo que a partir da 6ª semana começou a solicitar mais o colo. Reagia tranquilamente na chegada à creche e na saída beijava a mãe ao encontrá-la. Quando passou a ir embora de transporte escolar as educadoras acharam que ele reagiu bem.

Juntos, os relatos da mãe, das educadoras e as observações realizadas descrevem que a adaptação de Djava à creche foi marcada pelo uso de diferentes estratégias de enfrentamento, o que indica que ele vivenciou com estresse o período de adaptação. Destaca-se também que a mãe de Djava pareceu não dar-se conta que introduziu novas mudanças na vida dele (ser buscado pelo transporte escolar) e que ela passou a ficar menos tempo com o filho (voltou a estudar à noite), o que poderia se somar ao estresse que ele já experienciava pela própria adaptação à creche. Da mesma forma, as educadoras não associaram essas mudanças na rotina às mudanças comportamentais e de humor de Djava, como a dificuldade de comer e dormir na creche que se apresentou na 10ª semana.

CASO WALTER

1. Impressões e sentimentos da mãe sobre a entrada de Walter na creche

Walter, no momento inicial do estudo, era filho único. Ele ingressou na creche aos 4 meses e sua mãe (29 anos) relatou que escolheu a creche como forma de cuidado *“Para ele se adaptar mais, para conviver com crianças”*, mas a escolha desta creche, em particular, foi porque o trabalho a oferecia. Sobre como estava se sentindo por colocar o filho na creche, respondeu: *“Super mal, mas eu preciso, né?”*. No entanto, ressaltou a sua confiança nas educadoras: *“Tenho bastante confiança nas tias. É uma coisa boa para ele conviver com outras crianças”*, o que demonstra o sentimento materno de ambiguidade neste momento. Na primeira entrevista de acompanhamento, duas semanas após a entrada de Walter na creche, sua mãe falou: *“Ele mudou bastante. Antes em casa, ele só queria colo (...). Agora não. Ele está bem melhor”*. Em relação ao sono: *“Antes, eu colocava ele no berço e ele não queria ficar; chorava (...) mas agora não, ele fica bastante, ele gosta”*.

Na segunda entrevista de acompanhamento, após 10 semanas na creche, a mãe de Walter ressaltou que o humor dele foi influenciado por um problema familiar: *“Ele esteve tristezinho, porque eu e o pai dele estivemos separados, então, ele andava meio jururu, com febre, com coisa, só chorava, mas, agora, a gente está legal de novo aí ele está bem humorado de novo”*. A mãe salientou que se sentia tranquila porque o filho gostava

de ir para a creche, tanto que quando ela ia buscá-lo ele não queria ir embora. Ela parecia não se dar conta que este sinal evitativo poderia ser uma forma dele mostrar sua mágoa por ter sido deixado por ela na creche: “*Eu fico tranquila, porque ele gosta da creche. Quando eu venho pegar, ele nunca quer vir comigo*”.

2. Período de ambientação: as duas primeiras semanas na creche

A reação inicial de Walter no primeiro dia na creche foi de aparente aceitação, mostrando-se tranquilo e interessado no ambiente. Entretanto, a partir do 3º até o 6º dia ele mostrou-se muito choroso, difícil de acalmar, resistente à alimentação e solicitava muito colo, o que sugere que ele necessitava de proximidade com alguma educadora. Na observação do 3º dia pode-se perceber o uso da *estratégia de enfrentamento auxiliada* (choro) e da *estratégia de enfrentamento independente focalizada na emoção* como o autoconforto (segura a fraldinha, suga o bico intensamente). Ainda nesse dia, ele não aceitou a alimentação e a mãe foi chamada para lhe dar comida: “[Educadora] *Coloca-o no carrinho e começa a lhe dar comida. Walter chora muito e não come. As educadoras chamam a mãe do Walter para lhe dar almoço (...). Só come com a mãe em pé e ele no colo dela. Mesmo assim, Walter não come muito*” (3º dia de observação).

Nos primeiros dias Walter entrava sorridente, apresentando sinais de sofrimento após a partida materna. No 4º dia, ele pareceu dar-se conta da separação ao permanecer imóvel no colo da mãe. No 7º e 8º dias Walter passou a acalmar-se com mais facilidade e comeu melhor. Além disso, parece que se acostumou ao barulho das outras crianças e aprendeu a solicitar menos a atenção das educadoras, apesar de mostrar-se ainda um pouco choroso: “*Chego e o Walter está no carrinho, com o bico na boca. Está com cara de sono, com os olhos entreabertos. Adormece sozinho, mesmo com o barulho do choro de outros bebês*” (8º dia).

3. Chegadas e saídas da creche

Analisando-se a chegada de Walter na creche, da 3ª a 10ª semanas, ele geralmente reagia bem no momento da separação. Na 3ª e 6ª semanas Walter utilizou a *estratégia de enfrentamento focalizada na emoção*, como o autoconforto (sugar intensamente o bico), o que indica algum grau de estresse decorrente da separação: “*Walter chega com o pai. O pai se aproxima da educadora e ela diz: ‘Oi, Walter’ e pega ele no colo. Walter olha para ela e depois para o pai. Está com o bico na boca e o suga intensamente*” (3ª semana). Também utilizou *estratégias de enfrentamento auxiliadas*

(choramingar, balbuciar, espernear), principalmente quando queria colo, pois através dessas estratégias ele conseguia a atenção das educadoras. Na observação da 4ª semana, Walter utilizou *estratégia de enfrentamento corporal*, através da autoagressão, talvez para chamar a atenção de alguma educadora: “*A educadora coloca-o no carrinho e lhe dou um brinquedo. Walter cospe o bico e morde o brinquedo, bate com ele contra o seu próprio rosto (não de forma acidental, repetindo várias vezes) e começa a chorar*”.

Com o passar das semanas Walter solicitou menos colo, ficava satisfeito com outros tipos de atenção, como simplesmente falar com ele e balançá-lo no carrinho. Na 10ª semana Walter deu alguns sinais de adaptação, pois quando foi posto no carrinho não chorou, interessando-se pelo ambiente e utilizando *estratégias de autoconforto*: “*A mãe deu tchau e saiu e Walter olhou para ela. Permaneceu sério por algum tempo, quando a educadora o colocou no carrinho ele ficou observando o ambiente, segurava o pé e botava a mão na boca*”.

A análise da saída de Walter da creche revelou que ele apresentou comportamentos diferenciados quando era a mãe ou o pai quem vinha buscá-lo. Em relação à mãe ele apresentou *estratégias de enfrentamento focalizadas no problema* (comportamento evitativo e ambivalente): “*A mãe o chama várias vezes e ele não olha para ela até que a educadora vira-o de modo que veja a mãe. A mãe diz: ‘Vem com a mãe’. Após um momento imóvel, Walter estende os bracinhos. A mãe diz: ‘Ah, hoje ele veio’ (no dia anterior ele não quis ir com a mãe)*” (3ª semana). A mãe pareceu magoada com o fato do filho não querer ir com ela, possivelmente não compreendendo o significado da evitação. Em relação ao pai, Walter não demonstrou tais comportamentos, sugerindo uma maior dificuldade de separação em relação à mãe. Na 5ª semana ele evidenciou claramente o sofrimento devido à separação da mãe, pois quando a viu começou a chorar. Apenas na 6ª semana Walter mostrou-se receptivo desde o início à chegada da mãe: “*Quando Walter vê a mãe fica feliz. A educadora entrega-o para a mãe e ele coloca os bracinhos em volta do pescoço dela como se a abraçasse e a boca no rosto dela como se a beijasse*”.

4. Alimentação na creche

Walter comeu na maior parte das sessões observadas (79% dos intervalos). O tempo médio total da alimentação de Walter (13 min.) tendeu a diminuir ao longo das semanas de observação. Em relação às estratégias de enfrentamento, ele fez uso de uma média de sete estratégias por sessão de observação, com destaque para a *independente focalizada na*

emoção, como o autoconforto (91% dos intervalos) e a *corporal* (86%). Outra estratégia utilizada com certa frequência foi a *auxiliada* (37%). Walter utilizou ainda com baixa frequência as estratégias de enfrentamento *independentes focalizadas no problema*, como evitação/retraimento, remove o estressor e controla a situação.

Também se observou a expressão afetiva de Walter durante a alimentação, que apresentou uma incidência média bastante baixa ao longo das sessões (M=3,0), o que indica uma preponderância de afeto negativo durante a alimentação. Os dados permitem verificar que ele tendeu a comer na maior parte dos intervalos, independentemente de sua expressão afetiva predominantemente negativa em todas as sessões.

A incidência de ocorrências no ambiente e os comportamentos da educadora durante a sua alimentação também foram observados. Destacou-se a ocorrência de *choro de outras crianças* (72% dos intervalos) e o comportamento da educadora de *informa/tranquiliza o bebê* (63%). Além disso, chamou atenção a *conversa entre educadoras* (28%) e a frequência de *não ajuda o bebê* (12%). Interessante notar que estas duas categorias apareceram nas mesmas sessões. Embora não se possa afirmar que uma ocorra em função da outra, é possível pensar que a educadora não respondeu adequadamente às necessidades de Walter em alguns momentos.

5. *Percepção das educadoras sobre a adaptação de Walter à creche*

Através do protocolo de ocorrências na creche, preenchido semanalmente pelas educadoras, foi possível acompanhar como Walter esteve durante as primeiras 10 semanas na creche. Chamou a atenção o fato de que Walter sempre solicitava colo e atenção, não gostando de ficar sozinho, mesmo depois de dois meses na creche. Em relação à saúde, ele apresentou problemas recorrentes, sendo inclusive afastado da creche durante uma semana devido a uma conjuntivite bacteriana. Ele se alimentava adequadamente na creche, mas às vezes chorava para dormir. Interagia bem com as educadoras se mostrando afetivo e sorridente. Na chegada ele reagia bem, segundo a percepção das educadoras, e na saída ele *“vai bem, dá os bracinhos”* (3ª semana).

Juntos, os relatos da mãe, das educadoras e as observações realizadas descrevem a adaptação de Walter à creche marcada pelo uso de diferentes estratégias de enfrentamento, o que indica que ele vivenciou com estresse o período de adaptação. Destaca-se também que, comparando-se as entrevistas das mães e os protocolos preenchidos pelas educadoras, puderam-se perceber algumas diferenças. Primeiramente, Walter

parecia solicitar muito colo e atenção na creche e menos em casa, o que sugere que ele se comportava de forma diferenciada nos dois contextos. Em segundo lugar, a reação nos momentos de saída da creche foi percebida de forma divergente pela mãe e pelas educadoras. Enquanto a mãe percebia como se o filho não quisesse ir com ela, as educadoras o viam indo feliz com a mãe.

CASO ENIA

1. *Impressões e sentimentos da mãe sobre a entrada de Enia na creche*

Enia era filha caçula e tinha uma irmã de 3 anos de idade. Ela ingressou na creche aos 5 meses, sendo acompanhada pelo pai (25 anos) durante a adaptação inicial. Com relação à decisão de colocar a filha na creche, ele respondeu: *“Por causa dos horários (...). A gente trabalha e aí fica difícil”*. Na primeira entrevista de acompanhamento, duas semanas após o ingresso de Enia na creche, sua mãe (26 anos) ressaltou que ela não estranhava as educadoras e sorria quando as via: *“Eu acho que ela está bem, sorri para as tias quando vê elas”*. Por outro lado, ela manifestou a sua preocupação com a saúde da filha que esteve doente, o que influenciou os seus sentimentos sobre a entrada da filha na creche: *“No início eu tava assim, porque ela nunca tinha tido gripe nenhuma, nunca teve febre e nisso eu fiquei assim, ‘poxa vida, não vou mais levar’, mas aí a gente precisa, não adianta”*. Por outro lado, ela percebeu que a filha estava com o corpo mais firme e fez referência ao trabalho de estimulação feito na creche. Cabe ressaltar que a segunda entrevista de acompanhamento não ocorreu porque Enia foi afastada da creche devido a problemas de saúde quando a entrevista deveria ser marcada.

2. *Período de ambientação: as duas primeiras semanas na creche*

Enia utilizou, durante as duas primeiras semanas na creche, *estratégias de enfrentamento independentes focalizadas na emoção*, como o autoconforto (utilizava uma fraldinha) e a distração (utilizava brinquedos) para lidar com o eventual estresse da situação: *“Fica séria, com os olhinhos que parecem tristes. Segura a fraldinha que está presa no seu pescoço numa mão e na outra um brinquedinho”* (3º dia de observação). Além disso, Enia procurava obter a atenção das educadoras através de *estratégias de enfrentamento auxiliadas*, como o choro ou, a partir da segunda semana, agitando os bracinhos e as perninhas quando alguém olhava para ela. A atenção que Enia queria, muitas vezes, era apenas companhia. Por outro lado, a educadora, sempre que possível, a colocava no berço ou no

bebê-conforto, talvez porque Enia solicitasse muita atenção. Este comportamento pôde ser visto no 3º dia, enquanto Enia chorava a educadora verbalizou: “*Deixa a tia tomar um cafezinho rápido que eu já te atendo*”.

Em relação à alimentação, durante o período de ambientação, Enia não ofereceu nenhum tipo de resistência. Ela comeu bem até quando estava chorando: “*A educadora lhe dá sopa, o que aceita bem de início (...). Começa a chorar, chora, mas come*” (2º dia). Enia também não apresentou resistência para dormir: “*A educadora vem fazê-la dormir. Depois de um tempo, uns 40 minutos, acorda*” (5º dia).

3. *Chegadas e saídas da creche*

Analisando-se a chegada de Enia na creche, da 3ª a 10ª semanas, ela não apresentou sinais claros de protesto na chegada à creche. Por exemplo, na 3ª semana, Enia sorriu para a educadora, mas nas observações seguintes mostrou-se mais séria na chegada, mas voltou a sorrir na 8ª semana: “*Enia vai séria para o colo da educadora. A mãe dá tchau, mas ela não olha para a mãe*” (5ª semana); “*Enia chega tranquila. Sorri para a educadora quando ela vai pegá-la*” (8ª semana). Em todas as observações a partir da 3ª semana foi sempre a mesma educadora quem recebeu Enia, o que pode ter influenciado as suas reações. Além disso, Enia nunca olhava para mãe quando ela saía, mesmo ela lhe dando tchau. Inicialmente o fato da mãe não estar no campo de visão de Enia poderia ser uma justificativa para esse comportamento, visto que Enia possuía apenas 5 meses. No entanto, isso também sugere que esta era uma *estratégia de enfrentamento focalizada no problema*, através da evitação de ver a mãe partir.

Após a partida materna, Enia mostrava-se tranquila, mas constantemente utilizava a *estratégia de enfrentamento independente focalizada na emoção*, como o autoconforto e a distração, o que sugere estresse frente à ausência da mãe. Em geral ela tocava longamente nos pés ou no sapato após a saída da mãe: “*Fica brincando com os pezinhos*” (3ª, 5ª e 8ª semanas); “*Brinca com o cordão do seu tênis que está desamarrado*” (4ª semana). Também segurava ou sacudia brinquedinhos durante um longo tempo: “*Quando um outro bebê começa a chorar muito Enia começa a sacudir mais forte o chocalho e choraminga um pouco, mas logo para*” (3ª semana). Enia também utilizava *estratégia de enfrentamento auxiliada* (balbucios) para solicitar a ajuda de um adulto: “*Outra criança chora intensamente perto dela. Enia fica balbuciando, dá uns gritinhos. Me aproximo e ela sorri para mim*” (6ª semana).

A análise da saída de Enia da creche revelou que ela sempre se mostrou feliz ao reencontrar a mãe,

sorria, balbuciava e esticava os bracinhos. A mãe de Enia também se mostrava carinhosa e falava com Enia afetivamente: “*Quando se aproxima da mãe, abre um sorriso e vai sorrindo para o colo da mãe, que a beija*” (5ª semana).

4. *Alimentação na creche*

Enia comeu na maior parte do período observado (86% dos intervalos). O seu tempo total de alimentação foi relativamente estável (15 min.). Em relação às estratégias de enfrentamento durante a alimentação, Enia utilizou em média cinco estratégias por sessão, com destaque para a *independente focalizada na emoção*, como o autoconforto (96% dos intervalos), a *estratégia corporal* (80%) e a *auxiliada* (32%). A estratégia de enfrentamento *independente focalizada no problema* como evitação/retraimento e controla a situação foi pouco utilizada.

Também se observou a expressão afetiva de Enia durante a alimentação. Embora Enia tenha começado na 3ª semana com uma expressão afetiva moderadamente positiva (4,3) esta foi rapidamente baixando até a 6ª semana (2,54). No geral, apresentou uma incidência média baixa (M=3,37) ao longo das sessões, o que indica uma predominância de afeto negativo durante a alimentação.

A frequência com que Enia comeu e a incidência de ocorrências no ambiente e comportamentos da educadora durante a alimentação também foram observados. Enia comeu, em média, em quase todo o período observado. Chamou atenção à frequência com que apareceram as categorias *educadora informa/tranquiliza o bebê* (74%), e o *choro de outras crianças* (74%). Além disso, apareceu também com certa frequência a ocorrência *conversa entre educadoras* (21%) e, com menor frequência da *educadora não ajuda o bebê* (7%).

5. *Percepção das educadoras sobre a adaptação de Enia à creche*

Através do protocolo de ocorrências na creche preenchido semanalmente pelas educadoras, o que mais chamou atenção durante as 10 semanas de frequência à creche foram as faltas de Enia devido a doença, assim como alguns retrocessos na sua adaptação. Por exemplo, na 3ª semana, Enia faltou quatro dias porque ficou doente. Na semana seguinte, faltou dois dias e no retorno à creche chorou mais do que antes, solicitou mais colo, estranhou uma das educadoras e não se entreteu tanto com brinquedos, como fazia antes. Na 5ª semana, a educadora salientou a reação de Enia na saída: “*Sorri bastante para a mãe, fica bem alegre, dá uns gritinhos*”; a relação com a educadora: “*Está*

mais risonha, balbucia, grita, quer se comunicar”; e, com o ambiente: “*Está manipulando mais brinquedos, aceitou ficar de bruços*”. Sobre a alimentação, continuava comendo bem, mas devagar. Na 6ª semana novamente faltou um dia por causa de uma gripe, comeu pouco, mas não chorou muito. Na 8ª semana na creche, depois de quase um mês afastada porque teve diarreia e pneumonia, Enia veio um dia, ficou bem, sorridente, não estranhou nada nem ninguém. Dias depois começou novamente com diarreia e vômito e ficou afastada da creche por mais uma semana. Depois disso, veio uma semana, quando estranhou uma educadora e se assustava quando alguma criança se aproximava. Apesar disso, estava sorridente e comeu bem. Em seguida foi novamente afastada da creche devido ao seu adoecimento.

Juntos, os relatos da mãe, das educadoras e as observações realizadas descrevem a adaptação de Enia à creche marcada pelo uso de diferentes estratégias de enfrentamento, o que indica que ela vivenciou com estresse esse período. Destaca-se também o adoecimento, que culminou em repetidos afastamentos de Enia da creche.

Discussão

Os bebês acompanhados no presente estudo fizeram uso de diferentes estratégias de enfrentamento para lidar com o estresse decorrente do período de adaptação, independentemente do tempo que estavam na creche. O afastamento da creche devido ao adoecimento dos bebês, mencionado pelas mães e também nos protocolos de ocorrências preenchidos pelas educadoras, foi um dos dados que mais chamou atenção. O adoecimento pode ter sido uma *estratégia de enfrentamento corporal*, sendo uma reação do corpo ao estresse da separação da mãe. Na verdade, como apontou Karraker et al. (1994) bebês menores utilizam mais o corpo como forma de demonstrar que estão vivenciando estresse, visto que seus recursos cognitivos e motores são ainda escassos, se comparado aos de bebês maiores. É possível também que o grande investimento emocional da criança durante a adaptação a torne menos resistente a infecções. Entretanto, não se pode deixar de mencionar a possibilidade destes bebês de 4-5 meses serem mais suscetíveis a adoecerem na creche porque o seu organismo ainda é frágil e menos resistente a infecções adquiridas na interação com outras crianças e adultos. A importância de se evitar o estresse dos bebês reside no fato de que estudos vêm demonstrando que a exposição precoce ao estresse pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento e a saúde infantil (Linhares, 2016).

Além da *estratégia corporal* os bebês utilizaram, principalmente, *estratégias auxiliadas* (choro, balbucio) para obterem a atenção das educadoras e *estratégias independentes focalizadas na emoção* (autoconforto, distração) para tranquilizarem-se. Entretanto, desde o primeiro dia, o choro foi a principal estratégia utilizada para expressar seu desconforto ou para conseguir a atenção das educadoras, talvez por ser mais eficiente neste contexto, o que revela a dependência do bebê com relação a um adulto. Esses achados estão na direção dos encontrados por Bossi et al. (2014), que investigaram a adaptação de bebês a creche em diferentes idades de acordo com as subfases do processo de separação-indivuação e encontraram que o choro foi a principal reação de bebês com idades entre 4 e 24 meses frente a adaptação à creche, embora nos bebês até 16 meses também predominassem reações muito voltadas para o corpo através de adoecimentos constantes. Talvez o fato das educadoras do presente estudo não terem disponibilidade para dar uma atenção individualizada aos bebês os levou a utilizarem também, com muita frequência, estratégias independentes para reduzir o estresse.

Em relação aos comportamentos das educadoras, cabe ressaltar ainda que em vários momentos durante a adaptação estas tentavam acalmar os bebês ao lhes apresentar brinquedos, os embalar no carrinho e lhes oferecer colo. Contudo, apesar de seus esforços, pôde-se observar, por vezes, a falta de disposição para dar uma atenção mais individualizada e a carência de educadoras disponíveis para cuidar dos bebês em alguns horários (principalmente na alimentação, o que pode também explicar o choro excessivo dos bebês), provavelmente aumentando o estresse vivenciado por eles. Tal fato também explica certa dificuldade que as educadoras tiveram em identificar alguns sinais de sofrimento dos bebês. Com isso, cabe ressaltar que a creche participante possuía uma razão de quatro bebês por educadora, dentro do que é permitido por lei nessa faixa etária que é de seis a oito bebês de até 12 meses para cada adulto (Brasil, 2013). No entanto, embora nesse aspecto a escola apresentasse indicadores superiores ao exigido, ainda assim puderam-se perceber problemas relacionados a atender adequada e prontamente as demandas dos bebês, de modo que demonstra a urgência de essa razão adulto-criança, atualmente permitida por lei ser revista e reduzida.

Constatou-se também que, nos três casos investigados, as mães observaram mudanças no comportamento dos filhos após o ingresso na creche. No entanto, foram percebidas como progressos e não como possíveis sinais de sofrimento dos bebês, como o fato de precisarem menos do colo, dormirem mais e

ficarem mais tempo no berço. Este pode ter sido um comportamento estimulado na creche, pois facilitava o trabalho das educadoras, mas também pode ser uma forma de evitação dos bebês em relação às mães. Por outro lado, apesar destes comportamentos também facilitarem o cuidado que as mães tem que dispensar aos filhos, pode reduzir a interação mãe-bebê, que já foi afetada devido ao seu ingresso na creche. Também outras reações dos bebês, como não querer ir com a mãe no momento de saída da creche e o próprio adoecimento não parecem ter sido compreendidos pelas mães como sinais de sofrimento dos bebês. Em dois casos foram mencionados pelas mães ocorrências na vida dos bebês fora da creche que provavelmente influenciaram as reações deles (separação conjugal temporária dos pais e bebê buscado na creche por transporte escolar). Deste modo, quando se analisa a adaptação de bebês é importante que se transcenda o contexto da creche e se considere também outros fatores como as expectativas e sentimentos dos pais, bem como ocorrências no ambiente familiar (Bossi et al., 2014; Ferreira, 2007).

Analisando-se a chegada dos bebês à creche, isto é, o momento da separação da mãe/pai, observou-se que eles geralmente não protestavam ao separarem-se do cuidador. Em dois casos foi sempre a mesma educadora quem os recebia na chegada, o que pode ter influenciado as suas reações transmitindo-lhes maior segurança no momento da separação. Uma vez que, as reações à separação podem ser atenuadas quando o bebê é deixado num ambiente conhecido com uma pessoa conhecida (Bowlby, 1973/1993). Por outro lado, a evitação e ambivalência no reencontro com a mãe/pai também foram observadas, o que permitiu constatar certo grau de sofrimento do bebê frente à separação. Isto está de acordo com a literatura que sugere que o sofrimento decorrente da separação pode ser melhor observado no reencontro (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

Já com relação à alimentação, de uma forma geral não se revelou uma relação clara entre a frequência com que os bebês comeram, as estratégias de enfrentamento, os comportamentos da educadora, as ocorrências no ambiente e a sua expressão afetiva. Além disso, independentemente do tempo que estavam na creche, os bebês continuaram fazendo uso de uma variedade de estratégias de enfrentamento. A resistência à alimentação durante a adaptação à creche é esperada visto que, segundo Karraker et al. (1994), pode ser considerado um evento estressante, embora os resultados do presente estudo não apoiaram essa expectativa. Entretanto, parece que quanto maior o estresse vivenciado, avaliado a partir da média da expressão afetiva, maior foi a variedade de estratégias

de enfrentamento utilizadas pelos bebês. Apesar das diferenças entre estas médias serem muito pequenas, elas sugerem uma tendência neste sentido.

No que se refere aos comportamentos da educadora durante a alimentação e ocorrências no ambiente, destaca-se o comportamento da educadora de *informa/tranquiliza o bebê*. Entretanto, chamou atenção a ocorrência de *conversa entre educadoras* enquanto os bebês eram alimentados e de *não ajuda o bebê*. Estes comportamentos podem sugerir que, por vezes, não ocorreu uma resposta adequada às necessidades dos bebês, de modo que, em alguns momentos, a alimentação era realizada de forma quase mecânica. Chama atenção ainda a ocorrência no ambiente do *choro de outras crianças*, que em várias sessões de observação ocorreu em 100% do tempo analisado. Embora essas manifestações não tenham contribuído para a diminuição da frequência com que os bebês comeram, no mínimo também não contribuíram para reduzir o estresse da alimentação, visto que a expressão afetiva era bastante baixa. Por outro lado, os dados sugerem que como a fome é uma forte necessidade fisiológica, talvez os bebês comeram independentemente do que estava acontecendo no ambiente em função da sua fome, sendo provável ainda que as estratégias de enfrentamento estivessem sendo efetivas no sentido de auxiliar na aceitação da alimentação naquele contexto.

Por fim, cabe ressaltar que a análise das 10 semanas dos bebês na creche revelou também a ocorrência de retrocessos durante o período de adaptação, o que indica que este não é um evento linear. Muitos bebês podem parecer bem nos primeiros dias e depois de um tempo começar a mostrar sinais de sofrimento (Brazelton, 1994). Mesmo assim, em alguns aspectos, parece que os bebês estavam adaptados ao final deste período. Por outro lado, continuavam utilizando várias estratégias de enfrentamento, principalmente a adoecer com frequência, o que sinaliza seu sofrimento, além de apresentarem expressão afetiva negativa durante a alimentação, o que sugere que a adaptação ainda não estava completa. Isso permite pensar que a adaptação deve se estender para além do tempo investigado, o que é corroborado por autores que destacam que o período de adaptação deve prosseguir até o bebê se sentir confortável na creche (Rapoport & Piccinini, 2001; Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993). Com isso, estudos futuros poderiam estender o tempo de investigação para além das 10 primeiras semanas de adaptação do bebê à creche, a fim de sanar essa limitação do presente estudo e trazer avanços para a literatura em termos de propor uma estimativa de tempo para que os bebês que entraram na creche aos 4-5 meses pudessem estar adaptados.

Outra limitação do presente estudo, que merece ser ressaltada, refere-se aos aspectos metodológicos. Apesar das múltiplas fontes de evidência utilizadas na coleta de dados, não se pode negar que o instrumento mais utilizado foi a observação. Dessa forma, embora dois codificadores independentes tenham analisado os dados, o olhar dos mesmos pode ter sido influenciado pelo referencial teórico utilizado e pelas expectativas do estudo, o que precisa ser considerado.

No entanto, apesar dessas possíveis limitações, pode-se concluir que os bebês utilizaram diferentes estratégias de enfrentamento para se adaptarem à creche, o que sugere que estavam vivenciando algum grau de estresse durante o período de adaptação. Tal aspecto é corroborado por outros estudos que investigaram o estresse infantil na adaptação à creche, como os que examinaram os níveis de cortisol de bebês e crianças em cuidados coletivos (Albers et al., 2016; Ahnert et al., 2004; Bernard et al., 2015; Groeneveld et al., 2010) e constataram que esses índices eram significativamente superiores quando comparados aos medidos em casa. Isso sugere que as equipes da creche e as famílias precisam ficar atentas ao eventual estresse vivenciado pelos bebês durante a adaptação à creche ou em outras formas de cuidado coletivo.

Considerações finais

O presente estudo investigou a adaptação à creche de bebês de 4-5 meses de idade durante as dez primeiras semanas, e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês durante este período. A teoria do apego de Bowlby (1989) destaca que a presença da mãe ou cuidador substituto é fundamental para o bebê, especialmente no primeiro ano de vida, quando

o apego está em formação. Neste sentido, o ingresso na creche e o afastamento da criança de um cuidado mais individualizado, estável e previsível (Winnicott, 1965/1993) pode ter impacto para o desenvolvimento emocional do bebê.

Os resultados do presente estudo revelaram que os bebês apresentaram sofrimento ao longo do período de adaptação e usaram diversas estratégias de enfrentamento para lidar com o estresse decorrente dessa situação. As mães, por vezes, mostraram-se angustiadas frente às reações do bebê, mas outras vezes, pareciam não entender os seus sinais de sofrimento. O mesmo se deu com as educadoras, que pareciam ter dificuldades em interpretar os sinais de sofrimento do bebê a fim de oferecer um cuidado que pudesse minimizar o seu estresse durante a adaptação.

Não se pode desconsiderar a importância da creche em nossa sociedade, que muitas vezes, representa a única forma de cuidado que as mães e pais dispõem para cuidar dos filhos, durante o período de suas atividades laborais. Neste sentido é muito importante que profissionais da educação e psicologia se voltem para as creches ajudando a qualificar os cuidados dispensados ao bebê. O ambiente da creche se constitui em um espaço rico para intervenções que podem auxiliar as famílias, as educadoras e o próprio bebê no período de adaptação. No que se refere às educadoras seriam bem vindas intervenções que pudessem escutá-las, sensibilizá-las e acompanhá-las, quanto à identificação de sinais de sofrimento dos bebês e a melhor forma de auxiliá-los durante o período de adaptação. Mas sem dúvida isto se constitui em um desafio para muitos profissionais, uma vez que acompanhamentos e intervenções são importantes, mas sem desconsiderar o saber das educadoras e as especificidades do cuidado em ambientes coletivos.

Referências

- Ahnert, L., Gunnar, M. R., Lamb, M. E., & Barthel, M. (2004). Transition to child care: associations with infant-mother attachment, infant negative emotion, and cortisol elevations. *Child Development, 75*(3), 639-650. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00698.x>
- Ainsworth, M., Blehar M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Albers, E. M., Beijers, R., Riksen-Walraven, J. M., Sweep, F. C. G. J., & Weerth, C. de. (2016). Cortisol levels of infants in center care across the first year of life: links with quality of care and infant temperament. *Stress: The International Journal on the Biology of Stress, 19*(1), 8-17. <https://doi.org/10.3109/10253890.2015.1089230>
- Amaral, M. F., Morelli, V., Pantoni, R. V., Rossetti-Ferreira, M. C. (1996). Alimentação de bebês e crianças pequenas em contextos coletivos: mediadores, interações e programações em educação infantil. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano, 6*(1-2), 19-33. <https://doi.org/10.7322/jhgd.38371>
- Averbuch, A. R. (1999). *Adaptação de bebês à creche: o ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida*. Dissertação de mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Bernard, K., Peloso, E., Laurenceau, J.-P., Zhang, Z., & Dozier, M. (2015). Examining change in cortisol patterns during the 10-week transition to a new child-care setting. *Child Development, 86*(2), 456-471. <https://doi.org/10.1111/cdev.12304>

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA.
- Bossi, T. J., Soares, E., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2014). Adaptação à creche e o processo de separação-individuação: reações dos bebês e sentimentos parentais. *Psico*, 45(2), 250-260. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.16283>
- Bowlby, J. (1993). *Apego e perda 2. Separação, Angústia e Raiva*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973).
- Brasil. (2013). *Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192>.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, G. V. (2007). *O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos* (Monografia de especialização), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12295/000605262.pdf>>.
- Groeneveld, M. G., Vermeer, H. J., IJzendoorn, M. H. van, & Linting, M. (2010). Children's wellbeing and cortisol levels in home-based and center-based childcare. *Early Childhood Research Quarterly*, 25(4), 502-514. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2009.12.004>
- Karraker, K. H. & Lake, M. A. (1991). Normative stress and coping processes in infancy. In: E. M. Cummings, A. L. Greene, & K. H. Karraker (Eds.). *Life-span developmental psychology: Life-span perspectives on stress and coping* (85-108). Hillsdale: Erlbaum, N.J.
- Karraker, K. H., Lake, M. A., & Parry, T. B. (1994). Infant coping with everyday stressful events. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40(2), 171-189. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23087860>>.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Linhares, M.B.M. (2016). Estresse precoce no desenvolvimento: impactos na saúde e mecanismos de proteção. *Estudos de Psicologia*, 33(4), 587-599. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400003>
- McElwain, N. L., Holland, A. S., Engle, J. M., Wong, M. S., & Emery, H. T. (2015). Child-mother attachment security and child characteristics as joint contributors to young children's coping in a challenging situation. *Infant and Child Development*, 24, 414-434. <https://doi.org/10.1002/icd.1886>
- Melchiori, L. E. & Alves, Z. M. M. B. (2000). Comportamento de bebês em situações de separação e reencontro com os pais, na rotina diária da creche. *Paidéia*, 10(8), 51-59. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2000000100005>
- Michels, N., Sioen, I., Boone, L., Braet, C., Vanaelst, B., & Huybrechts, I. (2015). Longitudinal association between child stress and lifestyle. *Health Psychology*, 34(1), 40-50. <https://doi.org/10.1037/hea0000108>
- Rapoport, A., & Piccinini, C.A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 81-95. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100007>
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Vitória, T. (1996). Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. *Coletâneas da Anpepp* (Brasil), n. 4, pp. 111-143.
- Schipper, J. C. de, IJzendoorn, M. H. V., & Tavecchio, L. W. C. (2004). Stability in center day care: relations with children's well-being and problem behavior in day care. *Social Development*, 13(4), 531-550. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2004.00282.x>
- Seabra, K.C. & Moura, M.L.S. (2005). Alimentação no ambiente de creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 77-86. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100010>
- Stake, R. E. (2006). *Multiple Case Study Analysis*. New York: The Guilford Press.
- Thorne, K. J., Andrews, J. J. W., & Nordstokke, D. (2013). Relations among children's coping strategies and anxiety: The mediating role of coping efficacy. *The Journal of General Psychology*, 140(3), 204-223. <https://doi.org/10.1080/00221309.2013.792235>
- Yeo, K., Frydenberg, E., Northam, E., & Deans, J. (2014). Coping with stress among preschool children and associations with anxiety level and controllability of situations. *Australian Journal of Psychology*, 66, 93-101. <https://doi.org/10.1111/ajpy.12047>
- Varin, D., Crugnola, C. R., Molina, P., & Ripamonti, C. (1996). Sensitive periods in the development of attachment and the age of entry into day care. *European Journal of Psychology of Education*, 11, 215-229. <https://doi.org/10.1007/BF03172726>
- Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/941.pdf>
- Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).

Dados dos autores:

Andrea Rapoport – Doutora, Wainer Psicologia Cognitiva.
 Tatiele Jacques Bossi – Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
 Cesar Augusto Piccinini – Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Andrea Rapoport
 Av. Lajeado 361, apto. 1001
 90460-110 – Porto Alegre, RS, Brasil
 <deiar@terra.com.br>

Recebido em: 13.11.2016

Aceito em: 07.08.2017